



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **LICEU ALAGOANO: UMA HISTÓRIA DE MEMÓRIAS, UM RESGATE DE LEMBRANÇAS (1950 Á 1970).**

EDLENE CAVALCANTI SANTOS

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

### **IMO**

Este artigo discorre sobre o Liceu Alagoano, e tem como objetivo apresentar aspectos de sua história e memórias no período de 1950 a 1970. Trata-se de um estudo que evidencia desde as antigas lembranças de uma vida escolar, onde as pessoas escolhidas são ex-alunos (as) que vivenciaram o processo de construção da história do Liceu Alagoano, e que através de suas memórias contam em uma entrevista semi-estruturada, sobre o que viveu na escola, narram de um povo, de uma época buscando assim para a reconstituição do passado desta instituição. No que se refere aos estudos de história buscamos apoio em estudiosos como Ecléa Bosi (1994) e Alessandro Portelli (1997). O recorte espacial escolhido para esta investigação deu-se por termos encontrado ex-alunos(as) que estudaram na instituição de ensino e aceitaram contribuir. O resgate dessas lembranças norteia consideráveis

**Palavras-chave:** Educação. História. Liceu Alagoano. Memórias.

### **IMEN**

Este artículo aborda el Liceu Alagoano, y tiene como objetivo presentar los aspectos de su historia y los recuerdos de 1950 a 1970. Se trata de un estudio que muestra a partir de los recuerdos de la vida escolar, donde la gente se eligen ex alumnos (as) que experimentaron el proceso de construcción de la

ia de Alagoas Liceu, ya través de sus recuerdos vienen a través de entrevistas semiestructuradas lo vivido en la escuela, narrar de un pueblo, de un tiempo que contribuye a la reconstrucción de la allá de esta institución. Con respecto a los estudios académicos de memoria tratar de apoyo como Bosi (1994) y Alexander Portelli (1997). El marco de tiempo elegido para esta investigación fue encontramos alumnos (los) que se han estudiado en esta institución y acordado contribuir. La ución de estas memorias guía hechos considerables.

**Palabras-clave:** Educación. Historia. Alagoano Liceu. Recuerdos.

## **INTRODUÇÃO**

estudo procuramos inicialmente apresentar os motivos que nos levaram a escolher esta escola objeto de estudo, o recorte temporal em que está inserida esta investigação, assim como toda a duração do trabalho deu-se porque estamos investigando na pesquisa de doutorado sobre a história e a atuação da época passada em Alagoas uma vez que me preocupa desde então a pouca informação disponível nas Secretarias de Educação, e

temáticas em Alagoas acerca de uma escola que marcou época em todo Estado Alagoano. Assim, nos o Liceu como locus privilegiado e fundamental da nossa pesquisa. Queremos, através da construção histórica da sua trajetória político-educacional, investigar uma parte significativa da história da escolarização de Alagoas entre as décadas de 1950 a 1970.

O trabalho elegeu como base uma investigação pautada na convicção de que a experiência pessoal do sujeito é um fator determinante na construção de sua concepção da compreensão do mundo e do conhecimento de si mesmo. E, para que o homem saiba enfrentar

transformações que se processam, entre outras coisas, está à necessidade de estudos que analisem este assunto partindo de suas origens. Segundo Ferro (1996, p.19), "o conhecimento do passado é fundamental para que se entenda em profundidade os aspectos atuais do ensino, se possa evitar os erros do passado e preparar as ações futuras com mais eficiência". Assim, abordaremos inicialmente a história histórica da primeira instituição pública de ensino secundário de Alagoas – o Liceu Alagoano. Analisaremos as diferentes fases vivenciada por esta instituição escolar ao longo de sua trajetória histórica, dentro do limite temporal que se estende de 1950 a 1970.

Neste sentido, focaremos aqui a importância da história oral, que nos remeterá as histórias de vida pessoais como enfoque metodológico. Portelli (1997) diz que "é a subjetividade do expositor que

ce às fontes orais, um elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual". A via oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados, nela, a aderência ao fato cede lugar à imaginação, ao simbolismo o sujeito vai narrar o que foi mais simbólico fazendo uso das principais lembranças enfocando o que o reporta e o liga a determinada situação. Dessa forma, a vida da vida de cada um, ou o modo como o indivíduo a reconstrói e como ele pretende que seja a vida assim narrada, como indica Bosi (1994), "faz do relato oral um exemplo definitivo da relação necessária à configuração das subjetividades individuais: ao falar (e ser ouvido pelo ouvinte), em especial, sobre as agradáveis memórias que cultivava, e sobre as más lembranças que marcaram a vida" aqui, no caso, a vida escolar. O sujeito se revela, expondo os intrincados labirintos que envolvem a construção de seus afetos e cicatrizes mais significativas. Os participantes por meio dos relatos expuseram os fatos que os reportam até hoje à escola em questão. Assim documentar aquilo que os sujeitos têm a compartilhar sobre o que foi vivido no Liceu, nos traz uma dimensão de como o que foi vivido e tem relação com o que é real restrito e singular, pois cita-nos Caldas (2013):

03

**O vivido no momento do seu acontecer, não é uniforme, unilinear, visual, unifocal, mas presença viva de todas as dimensões, de todas as interioridades, olhos, mãos, corpos, sonhos, enganos, desejos, objetos, tecnologias, práticas: ao ser vivido escapa sempre enquanto totalidade enquanto relações, enquanto outras perspectivas, outros tempos naquele tempo. (CALDAS, 2013).**

O fato vivido para a singularidade do sujeito é sempre parcialidade interpretativa, posicional, afectiva, emocional, sofre por vários aspectos interferência pessoal e coletiva. Ao ser dado toda a liberdade aos sujeitos de narrarem apenas o que foi mais significativo priorizamos tudo aquilo que foi escolhido e fixado como eixo daquela parte que ficou guardada como lembrança, ou que queira ser contado sobre o tempo escolar. Os sujeitos entrevistados foram ex-alunos que fizeram parte da trajetória dos anos de 1950 a 1970, muito alegres, aceitaram contribuir com suas lembranças e relatos para a pesquisa, como explicitaremos nesta pesquisa desvendando alguns aspectos da história e trajetória do Liceu Alagoano e assim, responder as seguintes questões que nortearam esta investigação.

1. Como se deu o surgimento e consolidação do Liceu Alagoano?

2. Que aspectos do cotidiano são importantes?

3. Que lembranças marcaram a memória daqueles que passaram por esta instituição escolar?

## **ICEU ALAGOANO**

icação possui cada vez mais um importante papel como mediadora das transformações sociais no te a construção histórica de uma sociedade capitalista e excludente que tem por base uma história .justifica o atual declínio da educação alagoana, considerando este ponto de vista não se pode deixar quecimento parte integrante da nossa história educacional brasileira.

o origem na Grécia antiga, os Liceus desde o século XVII se disseminaram por toda Europa, e i ao Brasil à proposta de ensino no modelo dos Liceus. Em 1826, um decreto institui quatro graus trução: parte ligada a pedagogia (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias. Em 1827 um .o de lei propõe a criação de pedagogias em todas as cidades e vilas, além de prever o exame na ío de professores, para nomeação, em 1834 o Ato Adicional à Constituição dispõe que as províncias riam a

responsáveis pela administração do ensino primário e secundário, segundo (DUARTE, 1961). Mesmo lo, com a autonomia política que nos concedeu D. João VI, partimos ou deveríamos ter partido uma missão alfabetizadora mais ampla, missão que se ampliaria

pírito da lei, pelo menos, ainda mais com a implantação da gratuidade no ensino primário. O que eceu foi, ao contrário, o aumento da rede de ensino secundário com a criação de novas aulas as, fato constatado e repetido no início do funcionamento da Assembleia Provincial. O tratamento precocemente ao ensino secundário, partido dos conventos, ensejou o advento, entre nós, da "era .liceus"; (VERÇOSA, 2006) cita que: "Na era Liceal Alagoas foi uma das últimas províncias a ipar, em decorrência do ensino com certo sentido finalista, com reflexos sobre uma sociedade que ressionava, mas a conservava indiferente, a herança cultural da colônia alimentava ainda, esse to do embasamento da cultura".

culo XIX, não havia interesse pela educação em nosso estado, a cultura que nos era imposta era a a da agricultura, com uma natureza eminentemente rural, com bases latifundiárias, e quem ente tinha interesses em formar seus filhos o fazia os enviando para outros Estados como Bahia e e Janeiro, a massa menos abastada não tinha acesso à educação.

do do então presidente, Manoel Lôbo de Miranda Henriques que, em 1º de dezembro de 1831, te o Conselho Geral, defendeu a necessidade imediata de a província possuir um liceu de nidades. O Conselho cogitou a os primeiros registros oficiais de solicitação da criação de um liceu .elecimento no qual é ministrado o ensino médio e/ou profissionalizante) na província de Alagoas ilidade de criação de um colégio de aulas preparatórias, para fala em plenário damos o seguinte que:

**vidente a necessidade de um Lyceu n'esta capital não só para facilitar à mocidade os aratórios para os estudos maiores como para vulgarisarem-se esses princípios que envolvem a razão e aperfeiçoão-na: esta medida lembrada por este Governo no primeiro da abertura d'este Conselho e tomado em consideração, deve ser renovado por vós a fim bter-mos a mesma ventura que obtiverão a tal respeito as Províncias de Parahyba e í na sessão deste presente anno. (MANOEL LÔBO DE MIRANDA HENRIQUES, Discurso na :ura do Conselho Geral da Província em 1.º de Dezembro de 1831).**

isidente sucessor, Vicente Tomaz Pires de Figueiredo Camargo, representou o pedido de Manoel sugerindo que fosse instalado à semelhança do Liceu de Pernambuco ("com Estatutos letamente organizados debaixo de inspeção de um diretor") e que ocupasse as dependências do anto de São Francisco, até a construção de edifício próprio. Entretanto, com a promulgação de Ato nal em 12 de Agosto de 1834,

nselhos foram extintos e os encargos da legislação do ensino público primário e secundário foram eridos para as Assembléias Provinciais.

1 (COSTA, 1931 e DUARTE, 1961) as principais fontes historiográficas muito utilizadas ao decorrer importante parte do trabalho, pois foram precursores em pesquisas sobre o Liceu Alagoano e es autores sobre história da educação de Alagoas. Em 17 de maio de 1835, o deputado Silvestre rrigues da Silva defendeu na Assembléia Legislativa Provincial, um projeto para a fundação de um mas a proposta não vingou. A transferência da capital da província para Maceió contribuiu, mais vez, para retardar a iniciativa. Enfim, com a Lei Provincial n. 106, de cinco de maio de 1849, onada pelo presidente da província, Cel. Antônio Nunes de Aguiar, o Liceu Provincial foi criado na e de Maceió, centralizando o ensino público secundário. Enfim é instalado na província das alagoas 849 o Liceu Provincial. A sua instalação se deu em um prédio antigo, na Praça da Matriz, em louro onde teve início a atual cidade de Maceió, já no governo de José Bento da Cunha Figueiredo.

lmente o Liceu Alagoano era chamado de Liceu Provincial de Alagoas, e foi um marco da época no o secundário nesta província, tornando-se uma das principais instituições de instrução pública. O era um lugar de preparação da elite para cursos superiores, e era freqüentado pela nata da lade aristocrata alagoana, prezava pela seleção dos mestres e professores que ali atuavam como a Santos (2012), ao afirmar que: a partir da exposição do art. 28º do estatuto do Liceu Alagoano, vamos que a expectativa em relação ao professor era que fosse capaz de disciplinar os alunos a das crenças morais da religião e da sociedade, sem tratar da independência intelectual do aluno, o da referida lei enaltece os sentimentos religiosos, o amor à pátria e a obediência às leis e as

dades.

As aulas começaram em julho de 1849. Seu primeiro diretor foi José Próspero Jeová da Silva Atá e seu sucessor José Correia da Silva Titara (1853/1860). Os primeiros anos de funcionamento foram tranquilos por motivos diversos, ficando em destaque a indisciplina escolar atribuída ora ao frouxo rigor por aplicação do estatuto do Liceu, que tinha que ser cumprido com rigor, ora à apreensão dos rapazes que abusariam do regime novo de liberdade escolar que jamais haviam conhecido; ora às falhas do ensino, ou da administração o que culminou com o fechamento do Liceu, por força da Lei n. 370, de quatro de julho de 1861. Alguns estudiosos acrescentam também como causas de sua extinção: o fator evasão (as faculdades não reconheciam os exames prestados nos liceus locais), crise financeira que subjugava a província, a concorrência entre colégios particulares e o ensino oficial e, principalmente, a má política educacional que alimentou a idéia de extinguir um estabelecimento de ensino secundário, tipo externato, para fundar outro,

nos mesmos moldes, mas com feição de internato. O Liceu ficou em atividade por doze anos e passou dez anos fechado.

Em governo de João Marcelino de Souza Gonzaga, seu restabelecimento foi decretado pela Resolução local n. 395, de 16 de novembro de 1863. No ano seguinte, foram baixadas as instruções para o funcionamento por intermédio da Deliberação da Presidência n. 12, de 23 de janeiro de 1864. As aulas foram reiniciadas em 1º de fevereiro do mesmo ano e, sem interrupção, prosseguem até hoje. O Liceu foi reaberto com a missão de formar intelectualmente o educando, que eram orientados pelos professores mais conceituados do magistério. Ao longo do tempo, passou a oferecer os cursos de Ciências e Letras, Agrimensura, Normal, Comercial, Complementar e Noturno. A partir de 1869 começou a oferecer o curso normal anexo ao Liceu Alagoano, lecionado inicialmente em dois anos e representou grande conquista. Como lembra Verçosa (2006), em extensas décadas de existência o Liceu desempenhou um papel que era de muito interesse ao sistema educacional que vinha se arrastando desde o Império, e perdurou um bom tempo ainda na República, sendo conhecido como fábrica de exames e peça importante no sistema educacional da época, que era o de apadrinhamento e o filhotismo ambos fadados de desaparecer com o desejo dos chefes políticos e de influentes pais que forçadamente adquiriam certificados para facilitar a entrada dos filhos nas instituições superiores pelo país.

Apesar de durante seu primeiro século acompanhar diversas manifestações, conflitos e mudanças, essas mudanças foram como mais expressivas: o declínio e a dificuldade de matrículas em algumas cadeiras oferecidas, a crítica elitista na educação, a competição com Recife e Salvador e a migração de alunos daqui para outras cidades, a exacerbada criação de instituições escolares durante principalmente o período da

la de 30, a urbanização crescente e conseqüentemente a criação de mais escolas e com isso a criação de recursos das receitas estaduais, a descentralização do ensino na capital sendo a partir da criação de 40 criadas escolas e colégios atendendo no interior, o número de instituições de educação oferecia o ensino particular proveniente da doutrina cristã e tradicional do sul do Brasil. E ainda durante o tempo conseguiu manter o renome que ainda levava a se manter no âmbito dos colégios de Maceió, atraindo muitos alunos e fazendo o ensino público tentar se manter às vezes dos tempos e dificuldades que sempre teve nosso estado na área da educação.

Desde a sua existência, o Liceu foi transferido de domicílio por várias vezes. Em 1873, mudou-se para uma casa térrea de aluguel, situada na Rua da Imperatriz, número 18, e ali ficou até o ano de 1877. No ano seguinte, transferiu-se para o prédio onde funcionava

o Cartel de Polícia (atual Praça Visconde Sinimbu); em 1898, para um palacete situado na Rua do Comércio (atual Senador Mendonça), edificação posteriormente adquirida, por compra, dando ao Liceu uma sede própria, embora não definitiva. Passando para um prédio na Rua Barão de Maceió depois de 62 anos em apenas um local, onde depois abrigaria a sede da Secretaria Estadual de Educação e, atualmente, se encontra na Rua Cônego Machado, no bairro do Farol, Maceió com uma das maiores salas e servindo também como pólo a algumas faculdades. Nessa peregrinação, o estabelecimento também mudou de nome. Foi instalado como Liceu Provincial das Alagoas (1849), depois foi renomeado Liceu Alagoano, Liceu deste Estado, Liceu da Capital, Colégio Alagoano, Colégio Estadual de Alagoas, Colégio Estadual Prof. Afrânio Lages e hoje Escola Estadual Professor Edmilson Vasconcelos.

No início do século de 1950, Maceió vinha passando por um crescimento na população e nas construções urbanas, o que justificava o aumento em instituições particulares e a criação das primeiras instituições privadas no ensino superior, consentindo que houvesse sido criada por sua vez pelo governo uma Secretaria que se ocupasse exclusivamente de assuntos de interesse da Educação, porém a população ainda em sua maioria estava apenas com o ensino básico.

Com a chegada da nova década 1960, traria um maior crescimento da classe média essa por sua vez escolarizada fazendo pressionar o poderio político por instituições que atendesse outras áreas do ensino superior, ganhando ainda mais força o desejo de um possível progresso alguns dirigentes de Alagoas com a participação estudantil foi bastante relevante para a criação de uma Universidade Federal no Estado, no entanto buscando acompanhar essa mudança no cenário da educação em Alagoas o Liceu, ainda mais seletivo o ingresso na instituição fazendo com que sua fama de conseguir uma vaga com muita dificuldade fosse ganhando mais força e seu método no ensino secundário preparando

antes para o ingresso no ensino superior, criasse uma competição entre as escolas que guiriam aprovar mais alunos dentro da Universidade Federal de Alagoas, o Liceu organizava suas is de forma especifica para saúde, humanas e as exatas, onde os estudantes recebiam uma ão diferenciada que atendesse a determinada área que havia escolhido.

ite a década de sessenta na ditadura militar, quando o Liceu estava denominado Colégio Estadual agoas, sob a direção do ilustre Aluízio Galvão, a instituição já apresentava alguns sinais de lência, com relatos de professores que já reclamavam da remuneração e baixos salários, com a ção bastante criteriosa e voltada fortemente ao civismo, os alunos para o ingresso eram etidos a exames admissionais, onde era contemplada a produção redacional até questões abertas e sivas, uma entrevista

ém era feita, cujo entrevistador o próprio diretor selecionava aqueles que julgava serem ãedores de estar na instituição e prezava interesse pela arte, tivesse aptidões em oratória e nação, e ser bom em práticas esportivas, pois na época a competição nos esportes entre as as também fazia parte da qualidade escolar levando essa rivalidade vigorosamente nas etições estaduais e jogos interescolares, apresentações nas datas comemorativas, os desfiles ionais com bandas fanfarras disputas nas principais ruas do Centro e parte da Sinibú com a ia que conseguia tocar mais alto, e assim manter mais imponência aos que prestigiavam e dando to a escola que atraia mais atenção, havia de ser muito bem recomendado das escolas anteriores á avia passado, pois os gestores mantiam contato para saber do histórico pessoal, comportamental e ar dos alunos(as) que estavam ingressando no colégio. Algumas escolas eram tidas como adoras do acesso ao Liceu, sendo elas Hélio Lemos, D. Pedro II, São José, Sagrada Família dentre s conceituadas da época. Na década de 70 pouco parece mudar e muito da década de 60 parece se r em 70 a não ser pelo decreto da LDB em 1971, que foi muito mais utilizada para fins eleitoreiros ticos o Liceu continua com as mesmas vertentes educacionais e uma modernização que era muito imposta de forma oligárquica, a julgar pelas permanências que comandavam tanto a parte política, o sócio econômica e cultural em nosso estado, e assim também imperava as escolhas das direções res gestoras na educação.

ofessores pertenciam a um selete grupo ao qual, estavam presentes nomes importantes e que avam nos melhores Colégios de Maceió, alguns nomes são: Petrônio Viana, Benedito de ncelos Pontes, Edmilson de Vasconcelos Pontes, Eduardo Pinto Pantaleão, Hélia Pontes, Higia ncelos, Solange Lages, Roberto Farias, José da Silva Camerino, Jorge de Lima que concluiu os os em 1909 habilitando-se para faculdade de Medicina em Salvador e 10 anos depois voltava para ir a direção do Liceu Alagoano, todos com produção em suas áreas de atuação e muitos foram

ssores da Universidade Federal de Alagoas.

## **MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS**

Assoas ao vivenciarem a fase escolar, sofrem influência da temporalidade e a escola acompanha mudanças em determinadas épocas com comportamento, normas e regimentos diferentes,

podendo assim modificar a vivência escolar de acordo com os anos. Para Dezin (1984), a temporalidade é uma característica da vida humana e, para melhor definir a importância, esse autor distingue duas formas de temporalidade: o tempo mundano (relacionados ao

tempo cotidiano, passado e futuro, como horizonte temporal contínuo), e o tempo fenomenológico (cujo fluxo, não é contínuo, mas circular, é interno, podendo ser entendido como tempo interior).

Com o intuito de resgatar os acontecimentos que remetem ao tempo em que o indivíduo fez parte do Liceu Alagoano, essa pesquisa, propõe enquanto investigação subjetiva apresentar também a escola com o olhar introspectivo de sujeitos contribuintes e atuantes, que compartilharam suas principais lembranças e experiências em prol do trabalho aqui presente. Bloch (2001, p.79) diz que, “a diversidade dos testemunhos históricos é infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo que toca e deve informar sobre ele”. Nesse sentido justificasse a fonte histórica acerca da oralidade, a qual é um espaço institucional marcante na construção da subjetividade individual e social, razão pela qual se buscou de certa forma, questionar a extensão de sua influência no desenvolvimento da personalidade dos sujeitos entrevistados, através das principais lembranças escolares vividas.

A amostra, amparada de um lado nos indivíduos participantes da pesquisa, homens e mulher com idade entre 58 a 72 anos de idade, selecionados através de buscas pela internet, que ao conseguir seus depoimentos e explicar sobre a pesquisa, aceitaram participar, pois os mesmos haviam vivenciado um período de suas vidas como estudantes do Liceu, e muito contribuiriam através de suas memórias no processo de retomada da história do Liceu Alagoano como alunos, na reconstituição do passado desta instituição. Assim, definiram o que lhes pareceu mais relevante em sua memória e que ainda se mantêm vivos nos tempos nos bancos escolares e são eles efetivamente os sujeitos protagonistas; portanto, a intenção é de, a partir de seus depoimentos, delinear os elementos que auxiliem na reconstrução da história dessa instituição.

Os entrevistados viveram em épocas diferenciadas, em termos não só das diferenças de geração que os caracterizam” por faixa etária, mas igualmente pelo fato de que, em princípio, deveriam ter experimentado momentos historicamente variados quanto às influências didático-pedagógicas mais

ssivas que configuraram a organização curricular e o projeto educativo da escola de seu tempo.

## **NTREVISTAS**

tos relatados estão em sua íntegra, dispondo das informações em sua totalidade. Ainda que tenha o por não ter roteiro duas perguntas foram feitas a todos que foram entrevistados: - Por que u para o Liceu Alagoano?

al sua principal

lação do Liceu Alagoano?

duas perguntas são importantes para o sentido que se quer dar ao trabalho, entender os impactos i escola causou nas principais memórias das pessoas, e a notoriedade que a escola possuiu no io da educação alagoana, e de que maneira os entrevistados que são ex-alunos irão expor suas anças. Optamos pela entrevista, levando em consideração o que diz Ludke (1986):

**A entrevista representa um dos instrumentos básicos para coletas de dados, ela desempenha importante papel [...]. A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, sendo assim uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal. (LUDKE, 1986, p. 33).**

o de primordial importância colher os relatos, a principal característica neste trabalho, é a vista não estruturada ou não-padronizada, onde há liberdade para o seu percurso, deixando o vistado a vontade para delinear seus relatos e assim tornar a entrevista como instrumento flexível adável, atentando sempre para o foco ou assunto deixando claro que a entrevista é para cunho de iisa, entretanto, requer paciência do entrevistador para ouvir, e ter atenção para ser fiel a tudo que r dito.

dendo que relatos também fazem inferência a história oral, e o que produz um discurso é uma ra um enfrentamento, é práxis do que foi vivido, podemos deliberar que a memória presente com em tudo que quer ser exposto é construção teórica. Segundo Caldas (2013):

**Enquanto a história diz ser um dizer sobre o real, a história oral vem dizendo que é um dizer que é real:e entende o real como referente,**

**transitividade, pura, naturalizado e universal, concebendo documento como um reflexo desse real (causa e efeito). (CALDAS, 2013).**

esse que considero como experiência viva do tempo, e que causa substancialmente a realidade do é dito ou estabelecido. Assim como é possível encontrar traços narrativos nesta pesquisa, lerando que a narrativa é parte de dizeres individuais e está muito ligado a fatos provenientes da nação, e discursos de experiências muitas vezes organizadas por uma lógica pessoal de ecimentos com significados e valores. Narrativa é tempo. A utilização tanto da narrativa quanto da ia oral e da entrevista tornam a pesquisa em sua totalidade uma pesquisa qualitativa onde as ias de vida nos contam sobre memórias e fatos diretamente ligados a veracidade de momentos e ecimentos importantes, onde o

ador” ou entrevistado faz a transcrição e o pesquisador/entrevistador faz a passagem do oral para rito garantido a fidelidade do que foi dito e a totalidade dos fatos, dado por meio do diálogo que é chave de toda entrevista, tornando assim viável toda e qualquer relação que se deve estabelecer nfiança entre entrevistado e entrevistador.

### **Sujeito A**

cho da entrevista a seguir, apresenta a fala de quem estudou no Liceu chamado Provincial, quando uncionava na rua do Livramento. Ao questionar o Sujeito A sobre porque foi estudar no Liceu?

l sua principal recordação do Liceu?

amente estudávamos onde nossos pais achavam que teríamos mais oportunidade de arranjar ego, meu pai queria que eu fosse doutor por isso me colocou no Liceu Alagoano, lembro do som do tocando, do cheiro da brilhantina que minha mãe passava no meu cabelo, e principalmente do som z riscando o quadro. A hora que eu mais gostava era à hora da merenda, hora que eu podia rrsar com meus colegas, trocar figurinhas e conversar de futebol, minhas manhãs dentro da escola o eram piores por causa desses momentos. Alguns professores eram ótimos mestres, outros foram vantes, dentro do curso normal muitos desistiam, voltavam para suas cidades, a maioria dos meus as de turma eram enviados por seus pais para estudar em Maceió, seus pais mantinham seus filhos ensionatos, ou as vezes em casas de parentes, muitos deles saiam também por que seus pais im insatisfeitos com o Liceu achavam que não era muito rígido, e que seus filhos estavam virando undos, muitas vezes matamos aula para passar o dia na praia perto do gogó da ema naquele o era onde o pessoal se reunia, isso quando os inspetores nos deixavam escapar, antes não era

hoje tudo era observado a farda era obrigatória, não podia conversar no corredor e nem demorar muito tempo, mais sempre se dava um jeito de escapar, foi bom estudar lá, do meu tempo de estudante lembro das cadeiras de geometria e filosofia que eram as únicas que ainda gostava de estudar, mais nos que se não fossemos aprovados nesses exames as famílias pegariam em nossos pés e mais nos amos uma ladainha quando fossem comunicadas das notas em nossos boletins". (72 anos, estudou no Liceu na década de 50).

Quando esta fala, surgida de um encontro proporcionado, pela filha do sujeito A já idoso, porém muito lúcido, quando em conversa mencionei que buscava pessoas que haviam estudado no Liceu, ele me apresentou seu pai que aceitou ser entrevistado. Logo que iniciei perguntando sobre onde ele estudou, lembrou prontamente, não citou muitos

detalhes, mais se recordava do diretor da época que era um diácono. Percebe-se em sua fala, a importância da disciplina com a qual era imposta aos estudantes da época, falou da relação família com o aluno, e com uma postura até um pouco ríspida da disciplina que era imposta, não conseguiu fazer uma relação como era o cotidiano escolar e como era na sala de aula, mais se lembrava de Maceió de uma forma mais pacata e que o centro e o farol eram bairros bem nobres e que estudar era um privilegio, perceber que falava em tom saudoso, como se contasse uma história.

## **Sujeito B**

Fragmento de memória do Sujeito B, quando mencionado é: "Eu estudava em escola particular, Colégio Santa Helena do professor Eduardo Mota Trigueiros, mas as coisas lá em casa eram bem apertadas (pouco tempo de lazer) e eu, como era muito independente procurei saber e convenci meus pais a colocarem eu e meu irmão para fazermos o colegial (como se chamava na época) lá. Era considerado um dos melhores alunos do Colégio de Maceió. Estudei dois anos lá, no terceiro ano colegial o Diretor, na época Aloísio Galvão, do qual eu queria limpar o colégio mandou todo o pessoal que queria fazer vestibular para a área de Ciências Humanas para o Colégio Moreira e Silva. O Márcio Canuto, que atualmente trabalha como jornalista na Globo SP foi meu colega nos dois colégios. Aloísio Galvão. Sei que este era médico. Ah, mais ele tinha o hino nacional cantado toda segundas-feiras; eu odiava a gente tinha que colocar a mão no peito e cantar todinho. Coisa de ditadura militar. Tinha esporte, voleibol, eu jogava. Tinha aulas de teatro onde os alunos faziam teatro, declamação, etc. Eu gostava desta atividade e como estudava no Colégio de Maceió, sempre tinha a mando do Professor Aloísio Galvão, de recitar uma ou duas páginas. Os meus prediletos eram Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade. Diziam até que eu não podia declamar, eu drummonzava. Não podia de forma alguma o aluno está sem o fardamento

ado, havia uns fiscais de disciplina que ficavam nos corredores observando o aluno e seu ortamento, eu era considerada uma aluna insubordinada, e tem um episódio engraçadocomigo e as amigas que mantemos o contato até hoje foi a suspensão de uma semana, que a turma levou, e foi por grupo, cada semana eram 5 ou 6 que ficavam em casa, apelidamos ela de Suspensão à prazo foi na

de Química, o Professor era o Eduardo Pantaleão e que mentia igualzinho ao da Escolinha do ssor Raimundo. Ele era muito gente boa e engraçado. Fiz vestibular e passei em Direito na Ufal, juei e trabalhei durante muito tempo na CODEAL". (65 anos, estudou no Liceu de 65 a 67).

### **Sujeito C**

relato, o sujeito C quando questionado sobre porque foi estudar no Liceu, e qual sua melhor lação explica: "Eu estudava no Colégio de São José, e lá só tinha o pedagógico e eu queria fazer :ina e esse colégio que estudava, não tinha o Científico, como eram chamados na época os três anteriores ao vestibular. E depois por ser um colégio renomado com um dos melhores ensinoss do o, fazendo parte do grupo a escola técnica de alagoas, cepa e outros que não me lembro o nome, todos os colégios públicos da época eram de boa qualidade. Na minha memória vem que nós nos professores de alta qualidade de ensino, e espaço físico a contento, Professora Ceci, Sinvaldo, rio Viana professores de matemática professora Heloisa de geografia e escritora de livros sobre a ia. O colégio funcionava onde é hoje a secretaria de educação, lembro que a média do meu tempo ito, mais ninguém queria tirar menos de dez, havia uma guerra sadia, e não podia perder em uma disciplina, eu perdi o primeiro ano em geografia e por isso estudei de 1972 a 1975, mal guia falar e por isso não consegui ser aprovada nas aulas práticas, eu era recém saída de uma a e freiras indo estudar em uma escola mista, o que me ajudou muito foram os esportes, havia s pessoas de destaque no cenário Alagoano que estudavam naquela mesma época, como a Kátia Alberto Sexta feira, Chico Holanda, Aldo Rebelo dentre outros, acabei os conhecendo por conta sportes, fui campeã de Vôlei no Alagoano de 74, aliás, em esportes éramos imbatíveis os melhores oca. Orgulho-me muito de ter estudado no Colégio Estadual de Alagoas, como estava nomeado o na época, saíram da minha geração grandes médicos, estudiosos e políticos, não cheguei a ser :a, mas assim que conclui o científico passei em segundo lugar no concurso da Casal e fiz nistração de empresas no Cesmac". (58 anos estudou no Liceu na década de 70,).

s participantes da pesquisa relataram que a maioria dos alunos vinham de algumas escolas ificas, como o Colégio São José, Hélio Lemos ou D. Pedro II, durante seu relato essa jovem ra demonstrou recordasse com muita veemência do dia-a-dia e práticas escolares, alguns

Então falava que as salas de aulas eram compostas até por cinquenta alunos, e que em algumas eram punidos por conta do barulho ou bagunça praticados em sala, enfatiza bastante a disciplina e a competição que havia entre os próprios alunos, tanto por nota quanto por desempenho. É perceptível o orgulho com que a entrevistada fala de algumas personalidades alagoanas que seus colegas de turma e que fizeram parte da instituição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tramos aqui algumas considerações sobre aspectos da história e da memória do

Alagoano, procurando responder as questões que nortearam este estudo. Diante do que foi envolvido neste artigo é possível refletir sobre uma instituição que fundada no Império, alcançou o status republicano e perdura embora com outra denominação, o que entristece bastante aqueles que conhecedores da sua história, pois não há como apagar o Liceu, nome que permanece na memória dos alagoanos, embora hoje denominado de Escola Estadual Prof. Edmilson Vasconcelos Pontes, e, continuando a prestar serviços educacionais à nossa sociedade e se impondo por ter um prédio que ainda se destaca das demais instituições escolares de ensino público de Alagoas. A importância do Liceu para a história alagoana é inegável, pois verificamos a sua relevância no panorama social do Estado, tendo jovens que posteriormente em várias profissões e posições sociais contribuíram e contribuem para o desenvolvimento de Alagoas. Percebemos ainda que, para a educação de Alagoas o fato de o nome do seu nome, fica tendencioso a se ocultar toda uma história e uma experiência importante na história educacional de Alagoas. Não há como deixar de salientar que sua extinção também é culpa do caos instalado na educação, onde se arrastou vagarosamente desde sua implantação até os dias atuais, fruto da tentativa de modernizar um sistema educacional defasado, para se aplicar numa educação atual. Mas, o que percebemos ao longo da pesquisa, é a falta de atualização e abandono por parte dos poderes públicos. Assim, deixamos aqui algumas considerações sobre aspectos da história e da memória do Liceu Alagoano, sem a pretensão de encerrar a temática sobre esta primeira instituição de ensino secundário de Alagoas, muito ainda se tem a desvendar.

Destacamos de inestimável valor todos os relatos e as entrevistas, que confirmaram que a história oral possui uma riqueza de detalhes, e sua fonte produziu um resultado que transcendeu o esperado. Um dos alunos citou que o professor Petrônio Viana dizia durante suas aulas: "Vocês tem a obrigação de estudar os melhores, a pátria merece isso! O Liceu merece isso!" A valorização parte primeiro de dentro para fora, os professores tinham orgulho de estar ali e deste jeito tornavam seus alunos orgulhosos também.

forma o Liceu Alagoano aparece apenas como que “nas entre linhas da história da educação de as” (aspas nossas), não sendo mais destaque nesta educação, porém ele continua carregando a radição escolar mesmo que só seja pelo nome e de forma implícita. Sobrevivendo com a nclatura de um mestre que fez parte da sua trajetória, hoje renomeado para Escola Estadual ssor Edmilson de Vasconcelos Pontes, que brilhantemente atuou como professor de Matemática e ra entre os anos 50 e 70.

## **erências**

/ILA, Jaime. **História da civilização das Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1988.

H, Marc. **Apologia da história – ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zarar, 2001.

. Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ªed.SãoPaulo: Companhia das Letras,

ER, Jerome; WEISSER, Susan. **A invenção do ser: A autobiografia e suas formas, cultura ta e oralidade**. São Paulo, Ática, 1995.

AS, Alberto Lins. **Experiência e narrativa: uma introdução a história oral**. Maceió: Edufal,

A, C. **Instrução Pública e instituições culturais de Alagoas**. Monografia – Ministério da ição e Saúde Pública, Imprensa Oficial, Maceió, 1931.

IM, N.K. **Interpretando as Vidas das Pessoas Comuns**. Sartre, Heidegger e Faulkner (Org). **ita de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: 1984.

TE, Abelardo. **História do Liceu Alagoano**. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1961.

), Maria do Amparo B. **Educação e sociedade no Piauí -Período Republicano**. Teresina: ição Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

ovincial nº 106, de 5 de maio de 1849.

ovincial nº 235, de 10 de abril de 1854.

ovincial nº 370, de 4 de julho de 1861.

E, Menga. **Pesquisa em educação – abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto  
ia, n. 14, 1997.

ução 395, de 16 de novembro de 1863.

OS, Ivanildo Gomes dos. **O saber histórico escolar no Liceu Alagoano: o ensino de história  
rasil configurado nas teses do Cônego Valente**. Dissertação – Mestrado em Educação,  
rsidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

OSA, Élcio de Gusmão. **Cultura e educação nas Alagoas: história, histórias**. 4ªed. Maceió:  
AL, 2006.

E, Flávia. **História das instituições escolares – do que se fala?**

ONTES, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO. **Anais...** LOMBRADI, José Claudinei &  
IMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). São Paulo, 2004.

**or: Edlene Cavalcanti santos**, doutoranda em Educação, na Linha da História da Educação  
nática pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

**il:** edlenecavalcanti@hotmail.com

lo em: 07/08/2016

lo em: 09/08/2016

responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

de Avaliação: Double Blind Review

:1982-3657